



PRÓ-SABER



DE SONHO E
RESISTÊNCIA

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

JAQUELINE DOS SANTOS

PRAZER E BRINCAR SEMPRE ANDAM JUNTOS?

Rio de Janeiro

2017

JAQUELINE DOS SANTOS

PRAZER E BRINCAR SEMPRE ANDAM JUNTOS?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Esp. Patrícia Gonzalez

Rio de Janeiro

2017

| | |
|--------|---|
| Sa596i | <p>Santos, Jaqueline dos</p> <p>Prazer e brincar sempre andam juntos? / Jaqueline dos Santos.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 27 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Patrícia Gonzalez</p> <p>1. Educação infantil. 2. Brincar. 3. Interação. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p>CDD 372</p> |
|--------|---|

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 9 de novembro de 2017.

JAQUELINE DOS SANTOS

Dedico esse trabalho a DEUS e a minha família que foram meu sustento nessa caminhada. A minha mãe, Maria José (in memória), e aos meus alunos, que possibilitaram a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a DEUS em primeiro lugar, pois me deu forças todos os dias para que eu chegasse até aqui.

Quero agradecer a minha querida mãe, que dentro de seus conhecimentos, me proporcionou uma educação de qualidade, in memória.

Quero agradecer ao meu filho Matheus, que me incentivou a não desistir e continuar na caminhada.

Quero agradecer a minha madrinha e seu esposo, que permaneceram ao meu lado e muito me confortaram nos momentos difíceis.

Quero agradecer as minhas irmãs, que torceram para eu chegar até ao fim e conquistar a minha vitória.

Quero agradecer aos meus amigos próximos e de longe, que torceram e me incentivaram nessa trajetória.

Quero agradecer a todos do meu trabalho, que muito me ajudaram nesse percurso e desafios que enfrentei.

“Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.”

Lev Vygotsky

RESUMO

Esse trabalho monográfico apresenta uma pesquisa de campo que aponta a importância do ato de brincar na Educação Infantil. Para seu desenvolvimento, fiz uso dos instrumentos metodológicos de Madalena Freire: a observação, o registro e a reflexão, que me ajudaram a levantar as questões pertinentes ao tema, a partir dos movimentos das crianças no brincar. Ao observar suas interações, durante esses momentos, vistos como experiências de cultura como sinalizado por Borba (2009), ficou evidente a necessidade de uma cultura lúdica para que o faz de conta aconteça, como destacado por Brougère (1995). Nesse processo, foi possível identificar que nem sempre, como aponta Vygotsky (2007), a criança sente prazer no brincar.

Palavras-Chave: Brincar. Interação. Prazer.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 QUE É BRINCAR? | 10 |
| 1.1 visão das crianças e seus responsáveis sobre o brincar | 13 |
| 2 ESPAÇOS DO BRINCAR | 16 |
| 2.1 Brincadeiras fora da sala | 17 |
| 2.2 O tempo e o brincar | 20 |
| 3 AS RELAÇÕES DO BRINCAR | 21 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| REFERÊNCIAS | 26 |

INTRODUÇÃO

Qual a origem do interesse pelo tema do brincar na minha história?

Essa pergunta me faz lembrar de muitas coisas, principalmente, de minha infância. Lembro-me que quase não brinquei como todas as crianças, mas que o pouco que brinquei foi muito prazeroso. E é justamente isso que instiga: que prazer é esse que o brincar nos proporciona? O que acontece na vida de um “ser humaninho”, quando ele brinca? O que esse brincar favorece no desenvolvimento da aprendizagem das crianças na Educação Infantil e que se reflete em outras fases até chegar na fase adulta? Será que a criança que não brinca ficará com alguma questão que venha a atrapalhar o seu processo de aprendizagem?

Uso-me como exemplo: eu sempre fui muito tímida e tinha medo de falar e ainda sou. O que aconteceu durante a formação no Curso Normal Superior do Pró-Saber que me ajudou tanto?

Quando pensei em escrever sobre a importância do brincar na Educação Infantil, achei que não seria uma tarefa difícil, mas fiquei desequilibrada, quando a professora Cristina Porto disse que teria que ser mais específica em relação ao conteúdo que escolhi desenvolver. Penso que talvez esteja no início do caminho, já que tenho vários questionamentos.

1 O QUE É BRINCAR?

A volta a infância é certamente algo muito bom de se viver, pois são lembranças de momentos inesquecíveis de um brincar que nos traz o prazer de relembrar e que, certamente, nos marcou. Ao narrar esses acontecimentos, podemos falar com propriedade de conteúdos vividos e sentidos em um dos períodos mais importantes na vida do ser humano, que é a infância.

Quando escolhi o tema do Brincar, primeiramente, olhei para mim e o que havia vivenciado na minha infância. Por que esse tema era pertinente em minha vida? Por que considero o brincar tão importante?

Borba (2009) afirma que, “o brincar é portanto, experiência de cultura, por meio da qual valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são constituídos e reinventados pela ação coletiva das crianças” (BORBA, 2009, p.71).

É nessa interação com o outro que nos constituímos como cidadãos pertencentes a uma sociedade, que aprendemos a lidar com situações diversas e encontrar uma solução, postura que nos acompanha até a fase adulta.

Quando falo em brincar, me lembro logo de momentos de alegria e diversão, risadas, amigos, brinquedos, passeios e também das brincadeiras que minha mãe contava de quando ela era criança. Eu sempre quis brincar do que ela brincou. Ela falava de suas aventuras com brilho nos olhos e eu sentia sua satisfação e alegria enquanto fazia isso. Havia prazer em falar dessas vivências de infância.

Na época em que minha mãe era criança, não havia os brinquedos que existem hoje. Eram construídos com cascas de legumes, outros com madeira, e algumas brincadeiras eram inventadas. Aquele tempo parecia ser muito bom. Acredito que as crianças eram mais felizes, havia mais liberdade, mais respeito entre as pessoas. Era um tempo diferente.

Eu ficava imaginando as brincadeiras enquanto minha mãe contava: como seria brincar de subir em árvores e se balançar nelas, pular cerca, andar a cavalo ou até mesmo correr dos animais, tomar banho de rio, de chuva, pescar?

Não lembro de ter brincado muito, mas brinquei e coisas boas ficaram guardadas na lembrança. Sobretudo, brincadeiras que nossa mãe nos ensinou ou que aprendemos com outras crianças. São vivências que ficam na memória para

sempre. E foi justamente o que aconteceu: estava tudo guardado em minha memória!

Durante várias aulas sobre o brincar, com a professora Cristina Porto, no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), onde faço o Curso Normal Superior, fizemos várias escavações. Essas aulas nos fizeram lembrar momentos que haviam sido esquecidos: o tempo de brincar. Em uma delas, a professora nos apresentou vários brinquedos. Fiquei em êxtase! Foi uma 'loucura' ver aqueles brinquedos todos. Além disso, podíamos mexer, pegar e, o melhor, brincar. Foi simplesmente maravilhoso! Revivi aquelas sensações que tinha quando brincava, sentimentos de alegria, de prazer, de diversão e de euforia ao ver tantos brinquedos ao mesmo tempo.

Brinquei com vários e, porque não dizer, com todos os brinquedos. Brinquei com minhas amigas de turma, pulamos corda, brinquei de boneca, de fazer comidinha. Rever alguns brinquedos que não vemos mais no mercado, foi simplesmente inesquecível. Brincadeira de boneca, certamente, era a minha preferida, mas, na infância, brinquei também de queimado, de vôlei, de jogar futebol, de vários tipos de piques. Mas, diferente do que contava minha mãe, essas brincadeiras aconteceram na escola.

É muito bom quando o educador tem um olhar sensível, ciente de que as crianças precisam brincar, precisam interagir, pois é nessa interação que as trocas vão acontecer, assim como o aprendizado, o conhecimento, o respeito e o crescimento como ser humano.

Entretanto, o que sempre me chamou a atenção, foi a alegria, a satisfação que eu sentia em brincar e que percebo nas crianças que me fazem brincar até hoje com elas. Freire (2008) traz a reflexão de que o educador precisa lançar sobre si mesmo o olhar sensível que lança para seus educandos:

Educador que se disponha a aprender enquanto ensina, trabalhando seus ranços autoritários e espontaneístas na tentativa, na busca da construção de relação democrática. Educador que também se disponha a acompanhar o processo de instrumentalização para a apropriação da reflexão (pensamento: prática e teoria) de seus educandos (FREIRE, 2008, p. 31).

A autora ressalta ainda que, para construir esse fazer, o educador necessita de uma metodologia e propõe o uso de instrumentos metodológicos para alicerçar esse processo: a observação, o registro e a reflexão sobre a sua prática.

E foi o que aprendi nessa metodologia do Pró-Saber: observar a minha prática, refletir sobre ela para, a partir daí, reestruturar o que foi planejado. “A observação faz parte da aprendizagem do olhar, que é uma ação altamente movimentada e reflexiva” (FREIRE, 2008, p. 32).

Brincar nos esvazia, traz leveza, alegrias. Proporciona uma exaustão prazerosa sobre a qual só pode falar com propriedade, quando se vive, se permite sentir as sensações das brincadeiras. Falar dessa satisfação da criança e o que ela sente, não é difícil. É algo que percebemos, que vemos. É notório, é perceptível a qualquer um, mas essa percepção se dá a partir de um olhar sensível.

Borba (2009) traz o universo das crianças em relação ao brincar, relatando o movimento que fazem, quando estão brincando, como agem e como conseguem transformar os objetos, dando um ressignificado ao mundo em que vivem.

O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vira do avesso, de ponta-cabeça, permitindo à criança deslocar-se da realidade imediata e transitar por outros tempos e lugares, inventar e realizar ações/ interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras, ser autora de suas histórias e ser outros, muitos outros: pai, mãe, cavaleiro, bruxo, fada, príncipe, sapo, cachorro, trem, condutor, guerreiro, super-herói... São tantas possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e ajam guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados partilhados com os parceiros de brincadeiras (BORBA, 2009, p. 70).

Por vezes me peguei observando as crianças em suas brincadeiras e sempre achei interessante a forma como elas brincavam, ouvia seus ‘gritinhos’ de alegrias que me chamavam a atenção. Então, comecei a refletir sobre o porquê de tamanha satisfação.

Será que não havia mais alguma coisa que eu não estava conseguindo perceber ou entender? Será que todas as vezes que as crianças brincavam havia satisfação? O que de fato os brinquedos promovem nas crianças? Por que as crianças só pensam em brincar o tempo todo? Por que, quando estão nas brincadeiras, não querem sair? O que as prende lá?

1.1 A visão das crianças e seus responsáveis sobre o brincar.

Na instituição onde trabalho, Creche Santa Rita, no Vidigal, fazemos nossa reunião de pais a cada semestre. A apresentação se dá através de fotos e slides, com ela mostramos a rotina do dia e as atividades das crianças na creche. Essa

reunião acontece em dois momentos: um para apresentar a rotina que a criança vive na creche e o outro é para a sistematização do trabalho que é feito, ou seja, como os projetos e os eixos são pensados para favorecer o desenvolvimento da criança.

Com a pesquisa sobre o brincar e sua importância, as crianças são os principais sujeitos pesquisados, porém, gostaria também de saber o que seus responsáveis pensam sobre isso.

A primeira etapa do processo de investigação começou com as crianças em sala de aula. Numa roda de conversa, perguntei o que é o brincar para elas e registrei suas respostas numa folha. Em seguida, pedi que cada uma fizesse um desenho que registrasse a sua resposta. O desenho e os comentários foram colados em uma folha colorida e lacrados. As crianças adoraram a proposta, principalmente, o desenho.

Na reunião com os pais, antes de assistirem todos os conteúdos trabalhados, conversei sobre a dinâmica feita com as crianças e entreguei para cada responsável a folha de seu filho. A proposta era que escrevessem o que seria o brincar para cada um deles, na parte da frente da folha dobrada que receberam. Depois, as respostas seriam compartilhadas com todo o grupo.

Enquanto escreviam, observei atentamente seus rostos. Uns ficaram um tempo pensando, outros seguraram a caneta como se fossem escrever, mas não escreviam nada. Então, pensei, será tão difícil assim responder a essa pergunta?

Quando terminaram, pedi que lessem para todo o grupo, o que cada um escreveu. Seguem as falas dos responsáveis da turma do Maternal 2, da qual sou professora:

“Brincar pra mim é fazer tudo que gosta, eu amo ver as meninas fazendo aquela bagunça, eu nunca pude brincar, não tinha brinquedo e não tinha tempo, e isso era muito triste”.

“Correr, rir de tudo, dançar, se divertir com qualquer coisa, usar a imaginação”

“Brincar é deixar a imaginação tomar conta de você. Se divertir, sorrir, gargalhar.”

“O brincar é estar com quem amamos, é nos divertir à vontade, ter a liberdade para fazer daquele momento especial e inesquecível. São pequenos momentos porém grandes em qualidades.”

“Brincar é modo de aprender, de alegrar. É onde aprendemos a ter confiança e segurança. Brincar tem diversão, alegria, felicidade, é uma coisa muito boa, pois, quando começa, não quer mais parar.”

“Momento de liberdade dele.”

“O brincar é quando a criança fica no mundo dela, só em coisas boas, que ela pode ser princesa, fada. É o momento que tudo pode!”

“Brincar é ficar à vontade, é bagunçar, é aprender cada dia uma coisa nova.”

Fiquei um tanto surpresa, pois descobri que alguns responsáveis não brincaram quando eram crianças e percebi o quanto isso fazia diferença na vida adulta. Este fato interferia na constituição das pessoas, na sua postura e na sua fala. Os adultos que pouco brincaram eram aqueles que quase não sorriam. Tinham uma postura sempre séria.

Madalena Freire, que foi minha professora no curso, sempre repetia em suas aulas que somos únicos, singulares, que cada um tem seu jeito próprio de ser. Reflito que, mesmo sendo singulares, quando brincamos na infância, aprendemos a interagir com o outro, a lidar com determinadas situações e resolvê-las, somos pessoas mais felizes.

Certamente foi um momento muito interessante saber sobre o olhar dos responsáveis e o que cada um pensa sobre esse assunto, pois eles estão influenciando diretamente a vida dos pequenos, participando de cada aprendizado e experiência vivida por eles.

Já para as crianças do Maternal 2, o brincar foi expresso através das seguintes falas:

“Brincar com meus amigos e brinquedos”.

“Brincar com carrinhos de corrida.”

“Brincar com meu Mickey.”

“Brincar com meus amigos.”

“Brincar com meus brinquedos.”

“Brincar é andar de bicicleta.”

Conforme podemos observar, as crianças referiam-se ao objeto, ao brinquedo ou aos amigos, mostrando estão conectados, o que não significa que criança não brinque sozinha.

Vygotsky (2007) aborda o brinquedo e analisa como o imaginário está em ligação com esse objeto. A criança, quando brinca, transfere para a brincadeira o que vive em sua realidade.

Lendo uma entrevista de Gilles Brougère à Revista Nova Escola, em março de 2010, o filósofo francês fala, justamente, dessas características das brincadeiras. O faz de conta começa com uma referência a algo que existe de verdade e que essa realidade é transformada para ganhar outro significado. Para ele, a cultura lúdica é composta de todos os elementos da vida e todos os recursos à disposição das crianças, que permitem construir esse uma “comunicação de segundo grau”. Ao ser questionado sobre o conceito de cultura lúdica, se esta é compartilhada ou individual, Brougère responde: *“Ambos. Como toda cultura, ela se refere ao que é compartilhado e é isso que permite que uma criança brinque com outras crianças”*.

Questionado se a criança tem que entender sobre o que é o ato de brincar, Brougère afirma que são muito pequenas para fazer essa reflexão. O que realmente importa é que a criança entre nesse universo do faz de conta. *“Não diria que ela tem de entender, pois não tenho certeza de que a criança precise de clareza sobre esse processo. Usar o verbo entender significa pensar que um jogo só pode ser jogado, quando há um nível de reflexão elaborado. E, obviamente, não é possível ter certeza de que a criança faz essa reflexão, pois não há como questioná-la sobre isso, uma vez que é nova demais.”*

Moura (2009) diz que,

a brincadeira favorece a interação, a construção da identidade e da alteridade, contribui para a apropriação de modelos, para a auto-estima, para a construção da subjetividade, para a compreensão e o conhecimento do mundo, das pessoas, dos sentimentos etc. (MOURA, 2009, p. 81).

Ao observar as crianças, identifico o quanto elas crescem e se desenvolvem congregando múltiplas linguagens, como analisa Moura em seu texto.

2 ESPAÇOS DO BRINCAR

Falar em espaços para brincar é falar de um lugar, mas também é falar de experiência. Guimarães (2009) aborda a qualidade dos espaços e das experiências no trabalho educacional com as crianças pequenas. Em diálogo com a autora, vejo que há a necessidade de preparar os espaços, pois as crianças precisam se sentir acolhidas, seguras. Dispor de materiais adequados e escolhidos em função dos objetivos que se quer atingir é também muito importante. Materiais simples como panos, caixas, almofadas podem ser extremamente interessantes.

Nas creches, em geral, há espaços específicos para as crianças brincarem, como o pátio e a brinquedoteca. Em algumas delas há o terraço, mas nem todas disponibilizam de espaços próprio para esses momentos.

Na instituição em que trabalho, disponibilizamos de brinquedoteca e pátio, que são os espaços preferidos das crianças. Após nossa rotina da manhã, anuncio que chegou a hora de irmos para o pátio e elas simplesmente ficam eufóricas. Todas ficam de pé e começam a se abraçar, pular, gritar, falar alto, chegam até a dar apertos de mãos. É uma verdadeira festa!

Certa vez, ao chegarmos no pátio, a expectativa era grande, mas algo nos pegou de surpresa: havia outra turma que nos impedia de entrar. As crianças precisariam aguardar, o que causava muita ansiedade. Em geral, algumas pegam um brinquedo, bicicleta, bola, carrinho, boneca, cavalinho, outras vão para o balanço. Alguns brinquedos viram gangorra e é impressionante como faz de conta “entra em ação”.

Em meio a esses movimentos, observei duas alunas, conversando: “filha, vamos por aqui?”, e a outra respondeu: “vamos sim, mamãe”. No faz de conta acontecem diálogos. A comunicação é necessária para a construção da brincadeira que como aponta Brougère (1995) envolve várias negociações entre os parceiros.

Enquanto observava o diálogo entre as meninas, outro aluno se aproximou e falou: “Passa, Jaqueline, pode passar”. Ele se encontrava dentro de um carro de brinquedo e agia como se estivesse em uma rua movimentada, dando preferência aos pedestres. Eu respondi: “Claro, Bernardo, obrigada”. O menino seguiu seu caminho, tranquilo, como se tivesse feito sua boa ação do dia.

Vale ressaltar que as criança aprendem com exemplos que presenciaram, no dia-a-dia. Por isso, cabe ao educador ter um olhar também para si, para sua postura,

pois os olhares dos educandos também estão voltados para os adultos. Esse menino anda sempre de carro com seu pai e reproduz essa atividade nas brincadeiras.

A criança reproduz tudo o que vê e isso fica nítido quando estão brincando, trazem para o faz de conta a forma como vivenciaram cada situação. Caberia questionar: será que é de fato assim? Ou seria mais uma fantasia das crianças? Para Brougère:

A criança se apodera da brincadeira de acordo com a educação que recebeu, com as referências que possui, com os desejos que exprime. A brincadeira está além do brinquedo, modificando, muitas vezes, seu sentido. Se o brinquedo orienta parcialmente a brincadeira, é difícil dizer que ele a condiciona (BROUGÈRE, 1995, p. 87).

Outra questão sempre me intrigou: por que as crianças demonstram tanta euforia ao saírem da sala de aula?

2.1 Brincadeiras fora da sala

Brincar no pátio é sinônimo de liberdade para as crianças e isso é nítido quando entram nesses espaços e pelo modo como saem correndo. Alguns chegam a dar uma volta no espaço e a respirar fundo, como se dissessem: “Estou livre”!

Em uma das aulas da disciplina Psicologia e Educação, com a professora Elaine Caetano, abordamos o “emparedamento” e o “desemparedamento” das crianças. Foi uma discussão muito boa, pois discutimos justamente o que está envolvido nessa necessidade de sair da sala de aula e explorar o entorno da instituição onde trabalhamos.

É fundamental observar o espaço e o que há nele para identificar o que podemos explorar e como construir um projeto a partir do que vimos ou colhemos no local. É um movimento que nos faz sair da rotina, mudar a forma de trabalhar com os educandos, ampliando o olhar das crianças em relação ao espaço em que ficam uma boa parte do dia.

Trabalhando sobre a primavera, explorando o pátio e os arredores da creche, apresentei para as crianças os animais pequenos, que vivem nas árvores, que andam pelo chão ou que voam, como lagartas, caracóis, formigas ou borboletas, joaninhas, dentre outros. Foi muito interessante como exploramos esse tema e ampliamos nosso repertório sobre a natureza.

Hoje, as crianças têm um olhar mais sensível em relação à natureza e aos animais que vivem nela. Quando saímos de sala e entramos em outro espaço, as crianças mostram-se mais atentas a tudo que está a sua volta. Não só cuidam do espaço, mas protegem os animais que encontram pelo caminho.

Trazer para as crianças esse olhar sensível é mostrar novas possibilidades de aprendizado; é contribuir para o seu crescimento; é ampliar seu repertório de conhecimento.

Outro espaço que é muito interessante é o da brinquedoteca. Ao entrarem, as crianças procuram os cantinhos para brincar, com amigos ou sozinhas. São nesses cantinhos que elas convidam outros colegas para brincar e estabelecem relações. Querem brincar e o fazem mesmo com aqueles que não tem muita afinidade.

Enquanto eu observava e registrava por escrito, algumas crianças me incluíam em suas brincadeiras, mesmo que só para oferecer algo. Um aluno, no cantinho da cozinha, começou a brincar com as panelinhas, como se estivesse fazendo comida ou preparando algo. Ele se aproximou de mim e falou: “Toma, Jaqueline, um chá”. Eu perguntei: “É de que?”. Ele prontamente respondeu: “É de laranja!”.

As crianças aproveitam as brincadeiras para interagir com aqueles que têm mais proximidade ou algum vínculo. Em outro momento, por exemplo, outro menino se aproximou e me ofereceu um café, com uma xícara de brinquedo na mão. Ele disse: “Toma, Jaqueline, um café”. Naturalmente, peguei a xícara e tomei o café. Agir de forma natural faz parte do processo da brincadeira. Não precisa de nada muito elaborado ou programado, acontece, e, por agir naturalmente, fica muito mais interessante.

Assisti uma palestra do Instituto Alana sobre o Projeto do Território do Brincar (colocar referência). Tratava da importância do brincar na vida das crianças e ressaltava que não havia necessidade de brinquedos estruturados para as brincadeiras acontecerem. Basta ter acesso a objetos simples como um potinho de iogurte, rolinho de papel higiênico, caixas de papelão, dentre outros. A criança tem a capacidade de transformar tudo que está ao seu redor, basta uma oportunidade e pronto: ela cria várias coisas.

Mas a criança já nasce sabendo brincar? Borba (2009) aponta que para Vygotsky, o brincar é compreendido como uma atividade construída pela criança

nas interações que estabelece com outras pessoas e com os significados culturais do seu meio, ou seja:

a criança aprende a brincar com a mãe, avó, o pai, avô, os irmãos, primos, educadores, enfim, com crianças e adultos em geral com os quais estabelece interações que assumem a dimensão lúdica da brincadeira. 'No seu percurso de crescimento e desenvolvimento, a criança vai então se apropriando dessa forma de ação social e do acervo cultural, incorporando referências que a ajudam a participar de brincadeiras e a criar e reinventar novos modos de brincar' (BORBA, 2009, p. 72).

Assim como vimos com a professora Elaine, e com Guimarães (2009), a autora trata dos espaços que instigam a ação e a imaginação da criança.

Vejo que esses espaços podem fazer muita diferença para as crianças, mas para isso o educador precisa ter um olhar sensível para o ambiente e saber prepará-lo de forma adequada e planejada.

Borba (2009) também destaca que existem brinquedos estruturados nas creches e que estes também são importantes para as crianças brincarem. Entretanto, não deveríamos deixar de lado os objetos que estão a nossa volta e que não nos damos conta como os brinquedos construídos a partir de sucatas, como caixa de leite, tapinhas de garrafa pet, copos de requeijão, rolos de papel filme, bandejas de isopor, dentre outros, que levam as crianças a usarem sua criatividade nessa construção.

A intervenção do educador pode vir a somar nas brincadeiras das crianças. Smith (2008) indica que o educador pode intervir em várias situações do brincar, encenando um personagem, transformando um objeto em um personagem, incentivando as crianças a usarem a imaginação, o faz de conta. "A aprendizagem do brincar de faz de conta e sociodramático é prazerosa para as crianças e para os professores e é uma maneira de promover um ativo envolvimento adulto-criança" (SMITH, 2008, p. 30).

No faz de conta a criança aprende a se conhecer e a conhecer o outro através das interações que acontecem, e, para dar mais qualidade a esse faz de conta, tanto os espaços, como os materiais disponíveis, devem ser de qualidade para despertar o interesse, ampliar suas experiências e enriquecer seu repertório de vivências.

2.2 O tempo e o brincar

Mesmo antes da pesquisa, já havia percebido que as crianças sempre reclamavam, quando acabava o tempo de permanência no pátio. Questionavam, regularmente, porquê o tempo havia terminado.

Mas, que tempo é esse? Qual o tempo necessário para as crianças permanecerem em uma brincadeira? Há um tempo pré-determinado para as brincadeiras? Quando estão brincando, por que não querem parar? O que as prende lá?

Aprendi nas aulas de Construção das Estruturas Infralógicas e Lógicas, com a professora Beatriz Ferreira, no ISEPS, sobre a importância do tempo na nossa vida como um todo. É através desse tempo que nos organizamos e que damos limites às crianças. Há tempo para tudo, até para brincar.

Mas, para as crianças, é como se o tempo não existisse, porque, para elas, está ligado apenas às suas necessidades. Elas têm uma memória sensorial e reconhecem tudo através dos cheiros, do tato, do paladar da audição e dos sentimentos. Quanto mais elas experienciam, mais tem o que evocar.

O tempo é um fator muito importante na nossa rotina de trabalho e está presente em tudo. É através dele que damos limites e organizamos os fazeres que são coletivos.

Em nossa prática, começamos esse processo já na entrada da creche, que passa pela colação, continua na chamada e assim por diante. Tudo é cronometrado. Quanto aos espaços, temos que respeitar o tempo para não atrapalhar o movimento nesse ambiente e para que todos tenham o mesmo direito de usufruir.

Com a rotina estruturada, ensinamos para as crianças que há tempo para tudo: comer, brincar, entre outros. Quanto à permanência das crianças nas brincadeiras, por mais que estejam prazerosas, há que se saber o tempo de parar, pois o nosso corpo necessita de descanso. O modo de conscientizar as crianças sobre a relação com o tempo é através do limite.

Vontade, desejo, necessidade são movimentos do ato de desejar. Os três são ações desejantes, são movimentos do desejo na ação de aprender. A função do educador, enquanto leitor de desejos é, dentro do seu ensinar, aprender a ler: vontade, interesse e necessidade. Para assim instrumentalizando-as, possibilitar que seus educandos assumam a condução de seus desejos, seu destino, sua autonomia (FREIRE, 2008, p. 68)

Saber essa medida não é fácil, pois facilmente, caímos na mecanização da rotina. Ensinamos às crianças a respeitarem o tempo, mas, muitas vezes, são elas que nos ensinam.

Durante a minha pesquisa de campo, uma situação que aconteceu, quando estávamos no pátio pode ser ressaltada.

Levei a minha turma para lá, como faço todos dias. As crianças brincavam, estavam muito envolvidas nas brincadeiras, quando o tempo acabou chegou outra turma para brincar.

Chamei-as para arrumar o espaço para a entrada da outra turma, mas ninguém se moveu. Todas permaneceram no mesmo lugar. De repente, uma aluna levantou do lugar onde estava e, com as mãos na cintura, dirigiu-me a seguinte proposta: “Ô, Jaqueline, por que você não junta as turmas, ora?!”

Mesmo me segurando para não rir, sugeri que ela que fosse falar com a professora da outra turma, o que imediatamente aconteceu. Ainda com as mãos na cintura, ela disse: “Ô, Katia, por que você não mistura as turmas, ora?”.

A professora, apesar de não se conter e começar a rir, respondeu que sim. A menina retornou para onde estava brincando. As outras crianças ficaram muito felizes com notícia, pois teriam ainda mais um tempo para brincar.

3 AS RELAÇÕES DO BRINCAR

Em minha pesquisa de campo, observei que, mesmo as crianças sendo da mesma faixa etária, algumas demonstram ser mais maduras que outras, mais desenvoltas. Percebi isso na forma como se expressavam e como agiam. Ficou evidente ainda o quanto o ambiente influenciava o desenvolvimento de uma criança, pois quanto maior a interação com o meio e com o outro, mais se mostrava capaz de ampliar seu repertório. A ideia não é a criança ser um adulto pequeno, mas que ela tenha uma compreensão melhor do que está a sua volta.

Em uma de minhas observações da pesquisa de campo, na brinquedoteca, duas meninas brincavam de boneca. Essas alunas eram um pouco maiores em estatura do que o restante do grupo. Outra menina se aproximou para brincar, mas as outras duas não permitiram sua entrada na brincadeira.

Fiquei me perguntando: será que algumas crianças se sentem maiores do que outras de sua faixa etária?

Como uma das duas era um pouco mais alta em relação a essa que queira entrar, ela usou a seguinte justificativa: *“aqui só pode quem é grande, você é pequena, desse tamanho assim ô”*, fazendo um gesto com uma das mãos para medir o tamanho. Mesmo assim, a outra insistiu em entrar na brincadeira, mas não conseguiu e desistiu. Essa atitude seria uma regra para que pudessem brincar juntas ou não existem regras nesse caso? Será que a criança que desistiu de brincar se sentiu excluída ou realmente percebeu que com maiores não conseguiria?

Nessa observação, a criança que não entrou na brincadeira de maneira nenhuma demonstrou o desejo de desistir de brincar. Pelo contrário, ela simplesmente foi para outro cantinho e brincou com outros objetos, como se nada tivesse acontecido.

Durante os momentos de brincadeira, algumas crianças escolhem com quem querem brincar; outras chamam quem está por perto. A afinidade também entra em questão e isso é percebido no grupo: alguns têm amigos de preferência para brincar. Quando iniciam uma brincadeira, independente do espaço, os mesmos alunos se juntam para brincar, enquanto outros não se importam: quem estiver próximo pode entrar, mesmo que não tenha sido convidado.

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações,

elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras. Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se firmam como autoras de suas práticas sociais e culturais (BORBA, 2009, 71).

Percebi também durante a investigação para a elaboração da monografia a facilidade que as crianças têm para brincar com outras crianças, mesmo não conhecendo-as. Isso é muito bom, pois certamente essa criança aprenderá muito, ampliará suas referências. É o momento de aprender e conhecer outras culturas.

Outra situação que gostaria de analisar aqui aconteceu também na brinquedoteca. Um menino foi direto para o cantinho onde ficam os 'utensílios' da cozinha. Não demorou muito para que ele preparasse uma 'refeição' para mim. Colocou um pedaço de pizza em um pratinho, com um garfinho e, imediatamente, me ofereceu. Como já havia acontecido em outras situações que trouxe neste texto, anteriormente, a relação das crianças comigo chama a atenção.

O professor ou quem estiver no espaço, não precisa necessariamente entrar na brincadeira. No entanto, percebi que há um convite por parte da criança. Isso não significa que não tenha que haver uma intervenção, mas abre caminho para uma troca e um incentivo.

A criança reproduz o que vivencia e foi justamente o que essas crianças fizeram. Moyles (2008, p. 13) traz “[...] o brincar como um processo que, em si mesmo, abrange uma variedade de comportamentos, motivações, oportunidades, práticas, habilidades e entendimentos”.

Smith (2008) diz que, para ele, interessa considerar esse comportamento e os movimentos que a criança faz quando brinca, pois, “o comportamento de brincar é uma maneira útil de a criança adquirir habilidades desenvolvimentais - sociais, intelectuais, criativas e físicas” (SMITH, 2008, p. 26).

Conforme a criança brinca ela aprende a lidar com várias situações que se apresentam no decorrer da vida, sendo este ato fundamental para que consiga encarar as adversidades da fase adulta. Percebo que a criança que brinca já tem uma postura diferente da criança que não brinca.

Ao observar as crianças em situações de brincadeiras, pude notar os benefícios que essa atividade proporciona para as crianças, o quanto elas se sentem felizes, o quanto ficam entusiasmadas, animadas e com a auto-estima elevada. Se sentem tão dispostas que, se deixar, brincam o dia inteiro. Também

percebi que nem sempre essas sensações estão presentes todos os dias. Há momentos em que não se mostram dispostas e não querem brincar, ou, simplesmente, pegam um brinquedo e ficam longe do grupo, não aceitando que outras crianças se aproximem.

Ao longo da investigação no cotejo com os teóricos estudados, reconheci que nem sempre o prazer em brincar está presente. Às vezes, as crianças só querem ficar separadas do grupo e observar o movimento; em determinados momentos chegam até a dar opiniões nas brincadeiras ou sobre os brinquedos com os quais outras crianças estão envolvidas. Me questionei: por que elas ficam assim? Qual a causa desse comportamento? Será só uma indisposição ou falta de desejo? Outras vezes, mesmo sendo incentivadas a entrar nas brincadeiras, não há um retorno, o que fazer, o que isso significa?

Cabe aos educadores um olhar sensível para essa criança, respeitando o seu momento. Será que há limite no brincar? Quando as crianças alcançam o ápice de suas emoções, elas simplesmente param? Será essa 'indisposição' a resposta desse limite?

Brincar é bom, é divertido, principalmente, quando todos estão envolvidos. Mas o que acontece se alguém simplesmente 'acaba' com a brincadeira? Quais as sensações que as crianças sentem, quando isso acontece?

As primeiras atitudes observadas é de gritos, choros, agressões... Elas chamam o responsável para que intervenham em relação àquele que 'destruiu' a brincadeira. Mas por que algumas crianças têm esse tipo de atitude? O que leva uma criança a 'estragar' a brincadeira do outro?

Nas observações notei que algumas crianças que agiram dessa maneira, saíram correndo e rindo. Será que para elas também era divertido 'derrubar' as construções das outras? Era visível o quanto demonstravam satisfação nesse movimento que também não passava de uma brincadeira.

Ora, aos olhos de quem fez as construções isso não era nada legal, não era muito divertido, pois, pelo fato de estarem tão envolvidos, não percebiam quando outra criança estava se aproximando, e, quando acontecia o inesperado, quem 'sofreia' a 'perda' de sua criação sofria, reclamava, fazia queixa. Algumas crianças deixavam a brincadeira de lado e não queriam mais brincar, como se houvesse uma 'quebra' ou ruptura de um pensamento.

O que restava era reclamações, tristeza, certo ressentimento. A criança ficava triste. Entretanto, esse comportamento não cabia a todas as crianças. Algumas se superaram e agiram como se nada houvesse acontecido. Depende de cada criança. Umas têm facilidades e outras não.

Penso que se trata da estrutura emocional, do cognitivo, da forma como a criança foi se constituindo e elaborando, nas brincadeiras, essas situações adversas, e isso faz parte desse processo de aprendizagem da criança. “Sendo assim, muitos processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança ocorrem e são provocados nas e pelas atividades de brincadeira” (BORBA, 2009, p. 72).

Foram notórias a alegria e diversão dessa criança com aquele movimento de desfazer as construções, mesmo sendo levada a se redimir, pedindo desculpas. Borba (2009) sinaliza que:

Para Vygotsky, o brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem (BORBA, 2009, p. 72).

O fato de ter ‘acabado’ com a brincadeira não significa que ela não esteja brincando. Nossa tendência é convencê-la de que aquela postura não foi legal, mas há de se ter um olhar cuidadoso para essas atitudes para não rotular a criança como a ‘causadora da discórdia’. Mesmo que tenha essa postura de derrubar as construções do grupo, ela não deve ser rotulada como a ‘causadora’ de conflitos, pois também está em processo de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa realizada na minha vivência/ prática é possível dizer que o brincar é fundamental na vida das crianças como um todo, principalmente, das crianças que estão na Educação Infantil.

Concluí que as brincadeiras e os brinquedos, não são apenas sinônimo de prazer para as crianças, eles fazem parte de algo muito maior, do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. É através da interação, das trocas e da relação com o outro que se aprende e se conhecem outras formas de brincar (experiência de cultura).

Os teóricos que foram citados nessa pesquisa, mesmo com suas teorias e seu olhar, não traduzem completamente a 'mágica' que envolve esses momentos. Isso ficou bem claro quando me remeti as minhas lembranças de brincar quando era pequena. Percebi que, quanto mais brinco com os meus alunos, mais estou oportunizando que eles se desenvolvam num processo de aprendizagem. O prazer não é a única característica que define o brincar, há muito mais do que isso.

O olhar do educador é de fundamental importância para a criança, nestes momentos, para perceber a infinidade de relações e comportamentos sociais, físicos e cognitivos envolvidos em torno deste simples ato. Mas, para isso, precisa haver uma entrega do educador. Sua escuta, seu olhar e a sua sensibilidade é que vão auxiliar a criança no seu processo.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Angela Meyer. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.
- GUIMARÃES, Daniela. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.
- BROUGÈRE, Gilles. Entrevista. In.: **Revista Nova Escola**, Março, 2007.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, M. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MOURA, Maria Tereza Jaguaribe de. A brincadeira como encontro de todas as artes. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.
- MOYLES, Janet R (*et al.*). **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SMITH, Peter K. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, Janet. R. (*et al.*) **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.